



Wlamyra Albuquerque, **Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)**, Campinas, Editora da Unicamp, 1999.

Parte da história do 2 de julho é virada pelo avesso no livro *Algazarra nas Ruas*, da professora Wlamyra R. de Albuquerque.

por José Lago Júnior

Símbolo do orgulho de ser baiano, as comemorações ao 2 de julho começaram logo que se soube, na cidade, que a última batalha em Pirajá dava-nos como vencedores. Os festejos tomaram conta de Salvador. Desde então, a data transformou-se em espaço híbrido de manifestações: do patriotismo à religiosidade, do confronto de afirmações étnicas à cópia de modelos de civilidade europeia, e, claro, de muita algazarra.

É com este mote que a historiadora e professora da Uneb Wlamyra R. de Albuquerque lança *Algazarra nas Ruas - Comemorações da Independência da Bahia (1889-1923)*, no próximo dia 30, às 19 horas, na Casa de Angola. Um livro que vem preencher uma lacuna histórica na bibliografia sobre o assunto, um dos poucos que se tem a respeito, como salienta o professor João José Reis, na apresentação.

O livro, fruto do mestrado de Wlamyra, na Ufba, já foi lançado em São Paulo (publicado pela Unicamp, onde ela faz doutorado em História Social) e abrange do período pós-República até o primeiro centenário do 2 de julho. "O Brasil já não era Império, então, por que a ênfase nas comemorações?", questiona a professora, para, em seguida, deduzir: "Era uma espécie de nostalgia da importância político-econômica da Bahia, que tinha perdido poder para o Sul do País. Era o proto-orgulho baiano", elucubra.

Com base nos 34 anos de pesquisa, Wlamyra aponta as contradições socioculturais que encerravam as comemorações, desde a incorporação do caboclo como símbolo heróico maior (e, também, totem de uma parte do candomblé) às tentativas de "afrancesar" o 2 de Julho. "Mas a bagunça, o samba, existiu desde o começo. Era uma forma de apropriação popular da festa", observa. Com uma linguagem coloquial e instigante, a autora dissecou episódios curiosos e divertidos, provocando uma leitura rápida das 144 páginas do livro.

Para Wlamyra, a festa do 2 de Julho foi, também (e é), a representação do resgate da nossa herança africana, ainda que, antes, isso fosse rejeitado pela elite intelectual da época: "Havia uma perseguição a estes valores. A mesma africanidade que, hoje em dia, aumenta a auto-estima do baiano, na música, na literatura de Jorge Amado. Só que, agora, o samba e a capoeira não têm mais o sentido subversivo", pontua.

* Publicado no *A Tarde*, 23 de junho de 2000.